

Preocupações parentais face aos seus filhos em pais de crianças entre os 0-12 anos da Província de Benguela/Angola.

Bernarda Maria Lourenço Gonçalves Caculo

Instituto Superior de Ciências de Saúde – Norte

2012

Preocupações parentais face aos seus filhos em pais de crianças entre os 0-12 anos da Província de Benguela/Angola.

Bernarda Maria Lourenço Gonçalves Caculo

Dissertação apresentada no Instituto Superior de Ciências
da Saúde Norte para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Investigador: Bernarda Maria Lourenço Gonçalves Caculo

Orientador: Prof. Doutor José Carlos Caldas

2012

Resumo

A realidade social em Angola resulta complexa e marcada por diferenças sociais extremas, sendo diversos os fatores que podem influenciar negativamente o desenvolvimento físico e psicológico dos filhos. Tendo com objetivo principal explorar a prevalência e intensidade de preocupações parentais face aos filhos, numa amostra de pais com filhos entre os 0 e os 12 anos de idade. A recolha de dados baseou-se numa amostra intencional de 450 pais e mães da Província de Benguela. Foi utilizada a Escala de Preocupações Parentais (Algarvio & Leal, 2000, 2002, 2004). Os resultados indicam que as maiores preocupações se situam nas subescalas de *Problemas Familiares*, *Preocupações Escolares*, e *Desenvolvimento Infantil*. A subescala onde se apresentaram menos preocupações parentais foi na de *Preparação*, e dentro desta na de *Preparação para entender o que é a morte* e na de *Entender a morte de alguém próximo*, consideramos que isto responde a características culturais da população angolana. Analisarmos os itens considerados mais preocupantes pelos pais na totalidade da escala e verificamos que aqueles que correspondem a uma maior preocupação são: *Não dar atenção ao que o pai lhe diz* e *Que o filho não o obedeça*.. Consideramos que é necessária a realização de investigações mais extensas sobre o tema onde se explorem outros aspetos relacionados com este.

Abstract

The social reality in Angola is complex and marked with social extreme differences, being several the factors that can influence the children's physical and psychological development negatively. Tends with main objective to explore the prevalence and intensity of parent's concerns about their child's behavior in a sample of parents with children between the 0 and the 12 years of age. Data were collected of 450 parents and mothers of the Province of Benguela. Parental concern's scale of Algarvio and Leal was utilized. The results indicate that the bigger worries are in sub-scale *Family and School Problems*. The sub-scale where the parents showed up minus worries was in the one belonging to *Preparation*, and inside of this *Understanding the death of somebody proximate*, we considered that this answers to cultural characteristics of the Angolan population. We examined the aspects considered more worrisome for parents in the totality of the scale and we verified than corresponding to a bigger worry *no assisting to that the father tells him*, and *that the son not obey him*. We considered that is necessary the accomplishment of more extensive investigations on the theme where are explored other aspects related with this.

Agradecimentos

A Deus por ter me dado forças para concluir este sonho e estar sempre presente em minha vida.

Ao meu orientador Professor Doutor José Carlos Caldas, pela amizade, respeito, simplicidade e dedicação. Muito obrigada pelas orientações e por compartilhar sua experiência em pesquisa.

Aos Prof. Bruno Peixoto e Ernesto da Fonseca pelo apoio e incentivo em alguns encontros e pela disponibilidade que sempre revelaram.

A meus pais obrigada pelo amor que se tiveram e me trouxeram este mundo e me ensinaram o melhor caminho para adquirir conhecimentos sobre a vida e assim obter minhas metas, me apoiando sempre com seus conselhos, carinho e amor.

A meu querido esposo amigo, companheiro, que compartilhou comigo todos os momentos de minha vida de alegria, felicidade e tristeza, que com seu grande amor e grande carinho sempre me impulsionou e motivou para seguir adiante.

A meus amados filhos, luzes de minha vida que em todos os momentos de meu desenvolvimento profissional estiveram presentes, obrigada por seu, compreensão, respeito e amor, me dando forças para seguir neste andar

Os meus irmãos (as) e cunhadas (os) que sempre me deram força e incentivo para que chegasse até aqui.

A todos aqueles que tornaram possível a concretização desta investigação e todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram e incentivaram ao longo de todo o trabalho.

Lista de Abreviaturas

ONU: Organização das Nações Unidas

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Agradecimentos	5
Lista de Abreviaturas	6
Índice.....	7
Lista de anexos	9
Índice de quadros	10
Índice de gráficos.....	11
INTRODUÇÃO GERAL	12
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
CAPÍTULO I ASPETOS TEÓRICOS RELEVANTES	14
1.1 Antecedentes na relação pais-filhos.....	14
1.2 Preocupações parentais	18
PARTE II CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DAS PREOCUPAÇÕES PARENTAIS FACE AOS FILHOS EM PAIS DE CRIANÇAS ENTRE OS 0 E 12 DA PROVÍNCIA DE BENGUELA.....	21
Objectivos Gerais	21
Questões de investigação	21
CAPÍTULO II ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
1. Desenho / Método	22
2. Participantes.....	22
2.1. Distribuição da amostra segundo o género	22
2.2. Distribuição dos filhos segundo a idade e o género	23
3. Procedimento	25
CAPÍTULO III APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	26
CAPÍTULO IV DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
1. Discussão dos resultados	33
2. Discussão das limitações do estudo.	34
3. Conclusões e Considerações Finais	35

BIBLIOGRAFIA	37
ANEXOS.....	40
Anexo 1 Escala de Preocupações Parentais	40
Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	42

Lista de anexos

Anexo 1 Escala de Preocupações Parentais	40
Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	42

Índice de quadros

Quadro 1- Distribuição dos pais segundo o género.	22
Quadro 2- Distribuição dos filhos segundo a idade e o género.	23
Quadro 3- Médias Totais de cada Sub-Escala.	26
Quadro 4- Sub-Escala I. Problemas familiares e preocupações escolares.	27
Quadro 5 - Sub-Escala II. Desenvolvimento infantil.	28
Quadro 6 - Sub-Escala III. Preparação.	29
Quadro 7 - Sub-Escala IV. Medos.	29
Quadro 8 - Sub-Escala V. Comportamentos negativos.	30
Quadro 9 - Médias Totais de cada Sub-Escala neste trabalho e no trabalho de Algarvio e Leal (2004).	31

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Médias Totais de cada Sub-Escala	27
Gráfico 2: Itens mais e menos preocupantes em cada subescala.	31

INTRODUÇÃO GERAL

A realidade social da maioria das famílias angolanas apresenta-se num contexto extremamente complexo resultante dos poucos recursos financeiros que possuem; do enorme défice habitacional; das altas taxas de mortalidade infantil; da degradação dos valores éticos e morais; dos índices elevados de analfabetismo e pobreza; das escolas em número insuficiente para absorver as crianças que se encontram em idade escolar; da baixa qualidade de ensino em alguns casos associados a falta de condições materiais e didáticas, bem como da fraca participação dos pais no acompanhamento regular do desempenho escolar dos filhos; a violência nos lares e outros, que de algum modo podem dificultar o funcionamento normal de muitas famílias e influenciar negativamente no desenvolvimento físico e psicológico dos filhos.

Um amplo debate no mundo, em especial em Angola, sobre a família, desenvolve-se hoje olhando sua participação na vida dos filhos e na necessidade de assegurar um cidadão apto para transformar conscientemente a sociedade futura.

Cada vez que alguém se pergunta por que os meninos evoluem e se comportam como o fazem, a referência aos pais é um dos elementos de obrigada presença na resposta. Em concreto, os psicólogos evolutivos interessados no estudo do desenvolvimento infantil não tiveram por menos que voltar a vista aos pais cada vez que se perguntaram pelos determinantes do comportamento do menino. Com independência do ponto de vista teórico que cada um adote, nenhum psicólogo infantil põe em dúvida o importante papel que a família joga na configuração do ser psicológico do menino. Não deve resultar estranho, portanto que o estudo da relação entre as características da família e as do menino seja um dos temas clássicos da Psicologia Evolutiva. Historicamente se produziram importantes mudanças na forma de levar a cabo tal estudo, mudanças que reflectem mutações que afectam tanto os enfoques teóricos predominantes, que foram sofrendo um largo e interessante processo de substituições, quanto a metodologia de estudo e de análise dos dados, âmbito em que as mudanças com o passar do tempo foram também habituais. Desta forma, uns enfoques foram cedendo terreno a outros e novos temas de investigação ocuparam o espaço outrora dominado por temas diferentes.

Foi-se assim abrindo caminho a uma área de estudo que tenta explorar o que os pais pensam sobre seus filhos, sobre seu desenvolvimento e educação, o que esperam deles, a

que atribuem seu comportamento e as ideias que têm respeito a como influir sobre ele, as preocupações a respeito deles, etc.

Na literatura angolana, se começa a escrever sobre a participação dos pais na vida dos filhos em dois momentos de análise; antes e depois da independência e o afastamento dos conflitos internos, o qual gerou uma ampla discussão social e académica em torno da questão.

Em 2000, Neto referiu que os pais são os principais agentes de socialização na infância e as atitudes que comunicam tem um efeito profundo e muitas vezes perene sobre as pessoas.

O presente estudo reconhece que as crianças dos zero (0) aos doze (12) anos, encontram-se em fase de desenvolvimento, com uma grande importância no contexto da relação pais – filho.

A escala sobre preocupações parentais e as suas respetivas subescalas que se completam a partir do Centro Materno Infantil – Benguela, ao serem introduzidos aos pais e mães das crianças, constituem um passo importante para o desenvolvimento do sector da saúde e da educação dos pais em Angola, para a implementação de programas de educação parental, de promoção e prevenção..

Estamos convencidos também da importância e necessidade de desenvolver um pensar parental, que tenha em conta as aspirações da criança, que muitas das vezes não se harmonizam com as necessidades dos pais.

Daí o particular interesse pelo presente tema **“Preocupações parentais dos pais face aos filhos dos zero aos doze anos na província de Benguela.”**

PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I ASPETOS TEÓRICOS RELEVANTES

A criança está inserida no contexto familiar e escolar, onde ela deve desempenhar diversos papéis, que são, por vezes, conflitantes (Marturano, 1999). Por um lado, tem-se a família (especialmente os pais) como agente primários do desenvolvimento infantil, responsável em transmitir as primeiras informações, crenças, valores e interpretações sobre o mundo (Polonia & Dessen, 2005). Para estas autoras, um dos principais papéis da família é o de socialização da criança, incluindo-a no mundo cultural, através do ensino da língua materna e de regras de convivência em grupo. Por outro lado, tem-se a escola, que também contribui para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, mais especificamente no que diz respeito à aquisição do saber culturalmente organizado (Polonia & Dessen, 2005). À escola, tem-se dado bastante valor ultimamente pois, com a mudança recente na organização das actividades familiares, a criança se insere neste contexto cada vez mais cedo, sendo a escola outro importante ambiente socializador (Lipp, Arantes, Buriti & Witzig, 2002). Porém, é no ambiente familiar e na relação com os pais, que a criança encontra a principal fonte de recursos para lidar com os desafios do processo de integração e adaptação à escola (Marturano, 1999). Por isso, a relação pais-filhos constitui a base referencial para o desenvolvimento global do indivíduo, enfatizando-se, assim, a importância de estudos sobre esta temática.

Um amplo debate no mundo, em especial em Angola, sobre a família, desenvolve-se hoje olhando sua participação na vida dos filhos e na necessidade de assegurar um cidadão apto para transformar conscientemente a sociedade futura.

1.1 Antecedentes na relação pais-filhos

Ao longo de muitos séculos, as crianças foram consideradas como sendo uma propriedade privada de seus pais e, em algumas épocas, como propriedade da sociedade em que estavam inseridas. Roig e Ochotorena (1993) descrevem que na época anterior a Cristo, na Índia, no Egipto e na China, as crenças religiosas permitiam que os recém-

nascidos fossem oferecidos como um sacrifício purificador, ou seja, segundo estas crenças, os pais detinham total poder sobre a vida de seus filhos. Segundo estes autores, em Roma, os pais de família também tinham direitos ilimitados sobre seus filhos. Nestas civilizações antigas, o infanticídio também era um meio para eliminar as crianças com deficiências físicas. “Aristóteles dizia que ‘um filho e um escravo são propriedade dos pais e nada do que se faz com o que é próprio é injusto, não podendo haver injustiça com a propriedade de alguém’” (Roig & Ochotorena, 1993, p.13).

Como prática comum e permitida por lei, o infanticídio existiu até o início do século IV d.C., mas a chegada da cultura cristã trouxe mudanças na sociedade (Badinter, 1985; Roig & Ochotorena, 1993). Segundo Badinter (1985), a “palavra de Cristo” tinha como grande princípio o amor, e “ao pregar o amor ao próximo, Cristo punha um freio à autoridade, de onde quer que viesse” (Badinter, 1985, p. 30). Para Roig e Ochotorena (1993), devido a uma maior protecção por parte dos cristãos, até os governantes se viram obrigados a mudar suas atitudes e leis. Tanto que no final do Império Romano, Constantino reconhece a religião católica e faz a primeira lei contra o infanticídio.

Na Idade Média, a criança (a infância em geral) não tinha um lugar específico, ou seja, não se tinha consciência nem conhecimento do processo de crescimento e desenvolvimento das crianças. Portanto, não havia um vocabulário que as diferenciasse dos adultos. Sendo assim, as crianças faziam as mesmas coisas que os adultos, visitavam os mesmos lugares e eram tratadas da mesma forma (Ariès, 1978; Roig & Ochotorena, 1993).

Para Ariès (1978), o quotidiano das crianças na Idade Média era misturar-se aos adultos e reunir-se a eles para o trabalho, passeios e jogos. Toda aprendizagem e conhecimento eram transmitidos para as crianças através da experiência real (aprendizado empírico). Sendo assim, para Ariès, a transmissão do conhecimento era garantida ao longo das gerações pela participação das crianças na vida dos adultos. “As cenas da vida quotidiana constantemente reuniam crianças e adultos ocupados com seus ofícios como, por exemplo, o pequeno aprendiz que prepara as cores para o pintor” (Ariès, 1978, p. 230). Desta forma, a família possuía uma função moral e social, mais do que sentimental.

Ariès (1978) também acredita que a passagem do aprendizado empírico para a escola marca uma maior aproximação entre a família e as crianças, maior sentimento de família e, principalmente, maior sentimento de infância. Como explica este autor, o

aprendizado empírico não necessariamente ocorria entre pais e filhos, mas entre crianças com adultos quaisquer. Então o surgimento da escola passou a representar uma maior preocupação com a educação e com a infância.

Roig e Ochotorena (1993) acrescentam os dizeres de Ariès (1978), mostrando que era frequente, na Idade Média, que as crianças de classes sociais média e alta ficassem sob os cuidados de pessoas alheias à família, pessoas que ficavam responsáveis pela educação dos primeiros anos de vida das crianças. Quando estas voltavam para casa, ficavam sob responsabilidade de pessoas encarregadas de sua formação e quando completavam sete anos, eram levadas para a escola ou para aprender algum ofício. Portanto, o contacto com seus pais verdadeiros era mínimo.

Ariès (1978) afirma que entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII a criança conquistou um lugar junto aos seus pais, pois antes o costume era que fossem confiadas a estranhos. Os adultos passaram a se preocupar com a educação, carreira e futuro das crianças. Mas de acordo com Ariès, esta grande mudança na estrutura familiar, durante muito tempo, ocorreu somente nas camadas sociais mais altas, e as mais pobres continuaram a viver como as famílias medievais até o começo do século XIX, pois os pobres não tinham acesso a um espaço limitado (a uma casa, um lar) como os ricos tinham. Ariès explica melhor a aproximação entre pais e filhos, referindo-se ao século XVIII, no qual a família começou a isolar-se da sociedade e a viver com mais privacidade, num espaço limitado. “Esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna” (Ariès, 1978, p. 270).

Em meio a uma sociedade autoritária, segundo Roig e Ochotorena (1993), no século XVII começaram a acontecer fatos positivos para a infância. Um deles é que a criança, gradativamente, passou a fazer parte da vida afectiva familiar (Ariès, 1978); outro foi o decréscimo nas taxas de mortalidade infantil decorrente do decréscimo no infanticídio e não de uma melhora higieno-sanitária.

Para Roig e Ochotorena (1993), a protecção da criança durante os séculos XVII e XVIII era, tradicionalmente, significado de internamento em instituições. Porém, este internamento favorecia mais a comunidade do que as crianças. Estes autores explicam que, de início, parecia ser uma coisa positiva, mas com o passar do tempo fracassou e no século

XVIII “se dizia que o abandono em instituições era um infanticídio a longo prazo” (Roig & Ochotorena, 1993, p.17), pois muitas crianças acabavam morrendo nestas instituições.

Moura e Araújo (2004) ressaltam que, até o século XVIII, a constituição das famílias era muito diferente daquela que se tornou predominante no período moderno, que se caracterizou por maior sentimento de ternura e intimidade entre pais e filhos e pela valorização da criança.

Roig e Ochotorena (1993) referem que durante a segunda metade do século XVIII, o famoso filósofo Rousseau – precursor da psicologia infantil – considerava que a criança era um ser com valor próprio e múltiplas capacidades; e que foi recomendada, no período do Renascimento, que a prática do castigo físico fosse limitada ou moderada, mas não foi negada a possibilidade de sua utilização. Percebe-se que a partir do século XVIII, a criança passou a ser cada vez mais valorizada e “cuidada”.

Em 1860, o maltrato infantil começou a ser estudado de forma científica com o médico francês Ambrose Tardieu. E somente em 1959, a Declaração dos Direitos das Crianças foi aprovada pela ONU (Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas) (Roig & Ochotorena, 1993).

Durante o século XX, ainda se percebem importantes mudanças na relação pais-filhos. Neste século houve a descoberta e valorização crescente das necessidades da criança que vão além das necessidades de sobrevivência (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002). Neste contexto, os pais passaram a sentir certa obrigação em atender tais necessidades de seus filhos, evitando frustrações e valorizando o amor incondicional. Por outro lado, também se tornaram mais inseguros, sem saber como utilizar sua autoridade (Reppold et al., 2002). A partir da década de 70, houve maior valorização da flexibilidade e condenação da rigidez, mostrando que cada vez mais os pais vêm se questionando sobre o excesso de controle, e muitas vezes, podem adotar uma postura contrária: a da falta de controlo (Biasoli-Alves & Caldana, 1992).

Este processo de mudança no último século tem feito com que as gerações mais jovens se sintam em constante insegurança em relação aos cuidados com a prole (Biasoli-Alves, Caldana & Silva, 1997).

Como bem apontam Biasoli-Alves e cols. (1997), a emergência do conhecimento técnico-científico sobre o desenvolvimento infantil e sobre a relação pais-filhos tem seu

primeiro momento marcado a partir da década de 50 e, mais especialmente, no fim da década de 60. Em meio a um contexto com profundas transformações, as pesquisas sobre este tema surgem com bastante força, iniciando uma importante linha de pesquisa, capaz de trazer muitas respostas aos “novos pais inseguros”.

1.2 Preocupações parentais

Parentalidade etimologicamente designa a qualidade do progenitor (Bléandonu, 2003). Esta mudança decorrente do processo de parentalidade em ambos os pais leva à construção de um aparelho psíquico do casal (Anzieu & Kaues, cit. Lejeune, 1997) .

Houzel (1997) definiu o termo parentalidade como o processo através do qual nos tornamos pais do ponto de vista psíquico, conceito que abrange ambos os pais.

Considera-se que esta mudança decorrente do processo de parentalidade em ambos os pais leva à construção de um aparelho psíquico do casal que implica um duplo investimento na criança através do psiquismo materno e paterno (Lejeune, 1997 cit Algarvio; 2004).

Portanto estamos convencidos também da importância e necessidade de desenvolver-se um pensar parental, que tenha em conta as aspirações da criança, que muitas das vezes não se harmonizam com as necessidades dos pais. Alguns autores falam em funcionamento parental e na necessidade de resolver uma função de pensar parentais, que tenham em conta as necessidades da criança que podem ser antagónicas das necessidades dos pais, enquanto casal (Guillaume, 1997).

Surge, deste modo, a ideia de que a função parental deverá ser também um processo em desenvolvimento, ou seja em função das necessidades decorrentes do desenvolvimento da criança.

Já Houzel (1997) define três dimensões da parentalidade que coexistem mas funcionam a nível de experiências diferentes: o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. A primeira remete para a identidade da parentalidade nos seus aspectos fundadores e organizadores, tendo este termo sido escolhido enquanto referência do aspecto fundador do exercício judiciário de um direito ou obrigação. A experiência refere-

se às funções da parentalidade e aos aspectos subjectivos conscientes e inconscientes do processo de parentalização. Na prática encontramos as qualidades de parentalidade e os aspectos mais ou menos observáveis da relação entre pais e filhos.

O conceito de preocupações, é utilizado actualmente em diversos campos, ocupa um lugar central no seio da psicologia e apesar das inúmeras definições já atribuídas, continua a ser um termo tão complexo quanto vago.

É importante conhecer as preocupações parentais porque, só assim se podem desenhar processos de intervenção que deem solução a essas preocupações e se ajustem às necessidades paternas. Já Algarvio (2004) assinalava a escassez de investigações nesse sentido e sua importância quando se querem propor programas de educação parental adequados.

A mesma autora assinalava “... é fundamental o desenvolvimento de um instrumento de avaliação que nos permita avaliar as preocupações parentais, numa óptica de aprofundamento dos conhecimentos de todo o processo de construção, manutenção, redução e aumento das preocupações dos pais na sua relação com os filhos e, na sua vertente mais pragmática, servir como um auxiliar simplificado, que permita de uma forma rápida avaliar a frequência e intensidade das preocupações dos pais, visando a intervenção junto de grupos alargados de pais ou de grupos específicos de pais ou de crianças” (Algarvio; 2004).

Também assinalava “... ao consultar a bibliografia existente sobre o tema, que os estudos sistemáticos sobre as preocupações parentais de um grupo alargado de pais são praticamente inexistentes, o que se torna paradoxal na medida em que sabemos que toda a informação que não é sentida como necessária não é tomada em consideração. Esta escassez bibliográfica torna-se paradoxal quando se observa uma extensa bibliografia relativamente a questões do desenvolvimento infantil na sua relação com as figuras parentais, na área da educação parental ou mesmo na psicopatologia.” (Algarvio; 2004).

Estas autoras desenvolveram um instrumento de avaliação das preocupações parentais cujos resultados quanto aos coeficientes de validade interna encontrados mostram-se fidedignos, por um lado, da validade global da Escala, por outro, das 5 sub-escalas encontradas. Estas 5 sub-escalas são: Problemas Familiares e

Preocupações Escolares, Desenvolvimento Infantil, Preparação, Medos e Comportamentos Negativos (Algarvio; 2004).

Neste trabalho a sub-escala com a média de preocupação parental mais elevada foi a sub-escala “Problemas familiares e preocupações escolares”, atingindo o valor máximo no item maus tratos, seguido do item relativo à separação dos pais (Algarvio; 2004).

Seguiu a sub-escala “Desenvolvimento infantil” onde se encontraram como itens mais preocupantes as dores de cabeça e o que a criança deve comer, preocupações ligadas à função parental mas que se relacionam com a competência materna ou paterna mais do que com dificuldades específicas da criança (Algarvio; 2004).

A sub-escala de preparação e a sub-escala de comportamentos negativos preocupam razoavelmente a média dos pais. Os comportamentos negativos considerados mais preocupantes foram a criança mentir, não dar atenção ao que os pais dizem e não obedecer, comportamentos que poderão atestar a qualidade do exercício parental. A sub-escala de medos apresenta-se como a área de menor preocupação dos pais (Algarvio; 2004).

Este trabalho veio a reforçar a ideia de que a investigação nesta área é necessária e muito pertinente (Algarvio; 2004).

O estudo das preocupações parentais em pais angolanos utilizando a Escala de Preocupações Parentais a través da sua aplicação a uma amostra de pais que recorreram a consulta no Centro Materno Infantil- de Benguela, constitui um passo importante para o estudo das principais preocupações dos pais face ao acompanhamento dos seus filhos por um lado e por outro para o desenvolvimento do sector da saúde e da educação dos pais em termos de práticas educativas, através do desenvolvimento de programas de promoção e prevenção que vão de encontro (dirigidos para) a essas preocupações e não elaborados teoricamente mas sem terem em conta as verdadeiras preocupações dos pais.

PARTE II CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DAS PREOCUPAÇÕES PARENTAIS FACE AOS FILHOS EM PAIS DE CRIANÇAS ENTRE OS 0 E 12 DA PROVÍNCIA DE BENGUELA.

Objectivos Gerais

Determina-se como objectivo geral desta investigação avaliar, numa amostra de pais de crianças entre os 0 e 12 anos da província de Benguela, quais as principais preocupações parentais face aos seus filhos e sua intensidade

Questões de investigação

Considerando que os pais de crianças entre os 0 e os 12 anos se preocupam a respeito de distintos aspectos relativos ao desenvolvimento de seus filhos, tentaremos verificar:

1. Quais as principais preocupações de pais angolanos, e sua intensidade.
2. Se as principais preocupações e a sua intensidade, na amostra de pais angolanos, se afastam ou estão próximas das de pais portugueses.

CAPÍTULO II ASPECTOS METODOLÓGICOS

1. Desenho / Método

Trata-se de um estudo observacional descritivo transversal, uma vez que o nosso objectivo foi a recolha de informação acerca de uma determinada população num determinado momento (Matos, Leal & Ribeiro, 2000).

2. Participantes

Tendo como objectivo principal explorar a prevalência de preocupações parentais de pais face aos seus filhos, a recolha de dados baseou-se numa amostra intencional de 450 pais, todos eles com algum filho com idade até 12 anos.

Seguidamente, será apresentada uma caracterização da amostra por género, faixas etárias e meio de residência.

2.1. Distribuição da amostra segundo o género

Quadro 1- Distribuição dos pais segundo o género

Género	Frequência	Percentagem
Masculino	244	52,2
Feminino	206	48,5
Total	450	100

Como se pode verificar (Quadro 1), existe um equilíbrio relativo em termos do número de pais (52,2%) e mães (48,5%) na nossa amostra

2.2. Distribuição dos filhos segundo a idade e o género

Quadro 2- Distribuição dos filhos segundo a idade e o género

Idade	Masculino	%	Feminino	%	Total
1	11	2,44	61	13,56	72
2	33	7,33	50	11,11	83
3	89	19,78	6	1,33	95
4	55	12,22	0	0	55
5	34	7,56	45	10,00	79
6	5	1,11	27	6,00	32
8	6	1,33	0	0	6
9	0	0	6	1,33	6
10	6	1,33	0	0	6
11	0	0	6	1,33	6
12	5	1,11	5	1,11	10
Total	244	54,22	206	45,78	450

O quadro 2 mostra uma visão geral da distribuição dos filhos por idades e género. Conforme se pode ver, estão mais representadas as idades dos 1 aos 5 anos (85,5%), por comparação com as idades dos 6 aos 12 anos (14,5%), bem como existe uma ligeira predominância do género masculino (54,22%) sobre o feminino (45,78%)..

Instrumentos

Foi utilizada a Escala de Preocupações Parentais de Algarvio e Leal (2000; 2002; 2004). (Anexo 1).

A Escala de Preocupações Parentais é constituída por 5 subescalas e cada uma integra questões específicas que consistem em (são indicados à frente os números correspondentes aos itens da escala):

I. Subescala de Problemas Familiares e Preocupações Escolares

1. Em caso de separação dos pais qual deve ficar com a custódia da criança (4)
2. Os pais não estarem de acordo em relação às regras e disciplina (8)
3. Se a criança tem o que precisa na escola (10)
4. A professora/educadora entender a criança (17)

5. Os pais discutirem muito (18)
6. A criança ser sujeita a maus tratos (25)
7. O que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais (27)
8. Se a criança está preparada para ir para a escola (32)

II. Subescala de Desenvolvimento Infantil

1. O que a criança deve comer (6)
2. A criança comer pouco (7)
3. A criança não comer certos alimentos (35)
4. A criança ter o sono agitado (14)
5. A criança ter dificuldade em adormecer (33)
6. A criança ter pesadelos (2)
7. A criança queixar-se de dores de barriga (30)
8. A criança queixar-se de dores de cabeça (13)

III. Subescala de Preparação

1. Como preparar a criança para mudar de casa (11)
2. A criança entender o que é a morte (12)
3. A criança entender a morte de alguém próximo (31)

IV. Subescala de Medos

1. A criança ter medos (28)
2. A criança ter medo do escuro (20)
3. A criança ter medo de animais (9)
4. A criança ter medo do papão ou de monstros (36)

V. Subescala de Comportamentos Negativos

1. A criança não dar atenção ao que os pais dizem (1)
2. A criança controlar dificilmente os comportamentos (3)
3. A criança não obedecer (5)
4. A criança sujar-se muito (15)
5. A criança fazer birras (16)

6. A criança não gostar de partilhar (19)
7. A criança não querer ir para a cama (21)
8. A criança ser mandona e exigente (22)
9. A criança ser muito dependente (34)
10. A criança não assumir responsabilidades (23)
11. A criança chorar e/ou gritar muito (24)
12. A criança queixar-se muito (29)
13. A criança mentir (26)
14. A criança ser muito activa (37)

Estas subescalas foram obtidas através da análise factorial de todas as questões com uma maioria de respostas de preocupação (respostas resultantes da aplicação de dois questionários anteriores), apresentando uma validade interna de 0,80 (alfa de Cronbach).

A Escala está aferida nas idades compreendidas entre os 0 e os 11 anos e avalia o grau de intensidade da preocupação dos pais que pode variar entre: muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

3. Procedimento

Após efectuado o pedido de consentimento informado aos pais das crianças escolhidas para se efectuar o estudo pretendido (Anexo 2), iniciou-se a recolha de dados através da aplicação da Escala de Preocupações Parentais de Algarvio e Leal (2000, 2002, 2004), anteriormente explicada.

Participaram desta investigação pais de 450 crianças e adolescentes que assistiram a consulta no Dispensário, instituição pública que confere o atendimento primário de saúde em Benguela Angola. Estes pais assistiam ao centro de saúde por distintas causas entre as que se encontram doença das crianças, vacinação ou outras. exigindo-se como requisitos para integrarem o estudo, terem filhos com idades de 1 a 12anos e possuírem no mínimo o 7º ano de escolaridade (ensino terciário). A escala se aplicou em um local com privacidade, adjacente ao local de consulta.

Por fim, procedeu-se à análise estatística dos dados recolhidos com base no SPSS, utilizando-se a estatística descritiva (média e desvio padrão,, mínimo/máximo e, mediana).

CAPÍTULO III APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para analisar os resultados obtidos, recorreu se à análise descritiva dos dados, a fim de obter as médias de respostas dadas pelos pais aos itens da Escala de Preocupações Parentais.

Os 450 pais que em distintas perguntas responderam "não se aplica", não foram contabilizados nas respostas a essa pergunta. A média de pais que em cada pergunta responderam “não se aplica” é de 21,56.

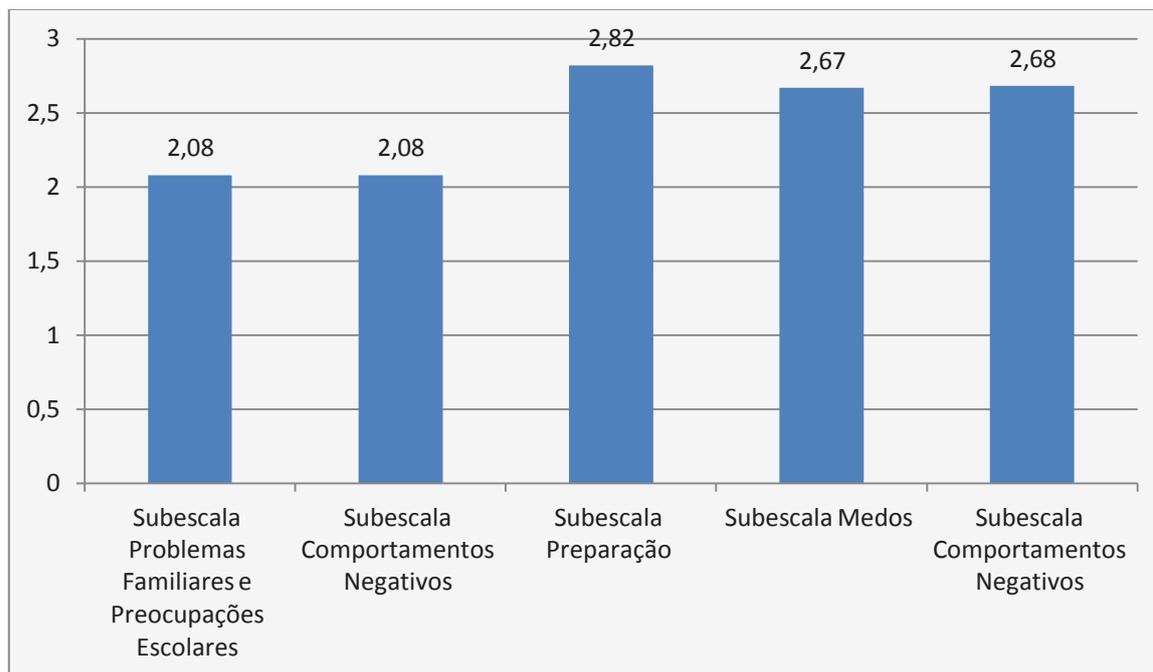
Relembramos também de novo que sendo a cotação de cada resposta invertida (1 = muitíssimo; 5 = nada), quanto menor a média, maior a preocupação parental.

As médias para cada sub-escala são apresentadas no Quadro 3 e Gráfico 1.

Quadro 3 - Médias Totais de cada Sub-Escala

Sub-escalas	Média
I. Sub-escala Problemas Familiares e Preocupações Escolares	2,08
II. Sub-escala Desenvolvimento Infantil	2,08
III. Sub-escala Preparação	2,82
IV. Sub-escala Medos	2,67
V. Sub-escala Comportamentos Negativos	2,68

muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

Gráfico 1 - Médias Totais de cada Sub-Escala

multíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

As médias de todas as subescalas se situam entre o bastante e o razoavelmente preocupante. As subescalas de *problemas familiares e preocupações escolares* e de *desenvolvimento infantil* apresentam-se como as áreas de preocupação de maior intensidade dos pais, com uma maioria de pais bastante preocupados com os seus diversos itens, (ambas com média = 2,08), seguidas da subescala de medos com uma média de 2,67, e a subescala de comportamentos negativos, 2,68. A subescala de preparação apresenta-se como a área de menor preocupação dos pais com um valor de 2,82.

Apresentamos de seguida os resultados para cada uma das subescalas

Quadro 4 - Sub-Escala I. Problemas familiares e preocupações escolares

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	DP
1. Custódia	395	1.73	1	5	1.00	1.171
2. Regras e disciplina	450	1.82	1	5	2.00	1.096
3. O que precisa na escola	400	2.26	1	5	2.00	1.308
4. Prof. entende criança	450	2.26	1	5	2.00	1.181
5. Pais discutirem	450	2.21	1	4	2.00	.826
6. Maus tratos	450	2.32	1	5	2.00	1.099
7. O que dizer separação	395	1.73	1	5	1.00	1.171

8. Preparada para a escola	450	2.69	1	5	3.00	1.427
-----------------------------------	-----	------	---	---	------	-------

muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

Os resultados obtidos na sub-escala “Problemas familiares e preocupações escolares” revelam médias de preocupação muito elevadas (situadas entre 1 e 2, ou seja, entre o bastante e o muitíssimo preocupante) (Quadro 5).

Os itens considerados de maior preocupação para os pais são os de *em caso de separação dos pais qual deve ficar com a custódia da criança* e *o o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais* (médias = 1.73). Segue-se a preocupação com *os pais não estarem de acordo em relação às regras e disciplina*, (média = 1,82). Apresentam valores de preocupação mais baixos em relação aos anteriores, mas igualmente elevados face ao total da escala, a preocupação com *se a criança tem o que precisa na escola* (média = 2.26), *a professora entender a criança* (média = 2.26), *os pais discutirem muito* (média = 2.21), *a criança ser sujeita a maus tratos* (média = 2.32), e *a criança está preparada para ir para a escola* (média = 2.69).

Quadro 5 - Sub-Escala II. Desenvolvimento infantil

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	DP
1. O que deve comer	395	1,83	1	5	1.00	1.072
2. Comer pouco	384	1,68	1	4	1.00	.924
3. Comer certos alimentos	438	2,20	1	4	2.00	.971
4. Sono agitado	450	2,10	1	4	2.00	1.049
5. Dificuldade adormecer	439	2,11	1	5	2.00	1,302
6. Pesadelos	345	1,84	1	5	1.00	1.084
7. Dores de barriga	450	2,65	1	5	2.00	1,299
8. Dores de cabeça	439	2,26	1	5	2.00	1,181

muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

As preocupações na sub-escala “Desenvolvimento infantil” também situam-se entre o bastante e o muitíssimo preocupante (Quadro 6).

A *criança comer pouco* (média = 1.68) é o item considerado de maior preocupação para os pais, assim como *o que deve comer* (média = 1.83) e as pesadelos (média = 1,84) onde a média dos pais se encontram entre muitíssimo e bastante preocupados. *Comer*

certos alimentos (média = 2.20), *ter o sono agitado* (média = 2.10), *dificuldade em adormecer* (média = 2.11), *dores de barriga* (média = 2.65) e *dores de cabeça* (2.26), preocupam entre bastante e razoavelmente os pais.

Quadro 6 - Sub-Escala III. Preparação

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	DP
1. Mudar de casa	439	1.71	1	4	2.00	.874
2. Morte	417	2.39	1	5	2.00	1.204
3. Morte alguém próximo	417	2.67	1	5	3.00	1.301

multíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

As preocupações na sub-escala “Preparação” situam-se entre o bastante e o razoavelmente (Quadro 7).

A maior preocupação é *saber como preparar o seu filho para mudar de casa* (média = 1.71) onde a média dos pais se encontra entre muitíssimo e bastante preocupados. A preocupação de *se seu filho entender o que é a morte* (média = 2.39) e a *morte de alguém próximo* (média = 2.67) seguem-lhe em ordem e preocupam entre bastante e razoavelmente aos pais.

Quadro 7 - Sub-Escala IV. Medos.

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	DP
1. Medos	450	2.79	1	5	3.00	1.321
2. Medo do escuro	450	2.68	1	5	2.00	1,165
3. Medo de animais	411	2,67	1	5	300	1,525
4. Medo papão/monst.	416	2.96	1	5	3.00	1.379

multíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

As preocupações na sub-escala “Medos” situam-se entre o bastante e o razoavelmente (Quadro 8)

A *criança ter medos* preocupa razoavelmente os pais (média = 2,79). Este valor de preocupação só é superado por a preocupação por o *medo do escuro* (média = 2,68) e exhibe valores próximos de *medo de animais* (média = 2,67) e *medo do papão ou de monstros* (média = 2,96).

Quadro 8 - Sub-Escala V. Comportamentos negativos.

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	DP
1. Não dar atenção	439	1.57	1	4	1.00	.923
2. Controlar comport.	428	2.01	1	5	2.00	1.060
3. Não obedecer	439	1.69	1	5	1.00	.903
4. Sujar-se	450	2.89	1	5	3.00	1.230
5. Birras	417	2.61	1	5	2.00	1.110
6. Não partilhar	450	2.31	1	5	2.00	1.062
7. Não ir para a cama	450	2.51	1	5	2.00	1.131
8. Mandão e exigente	416	2.44	1	5	2.00	1.087
9. Dependente	439	2.31	1	5	2.00	1.094
10. Não assumir resp.	439	2.68	1	5	2.00	1.296
11. Chorar e/ou gritar	439	2.53	1	5	2.00	1.136
12. Queixar-se	450	2,68	1	5	2.00	1,283
13. Mentir	428	2.19	1	4	2.00	1.057
14. Muito activo	355	2.54	1	5	2.00	1.390

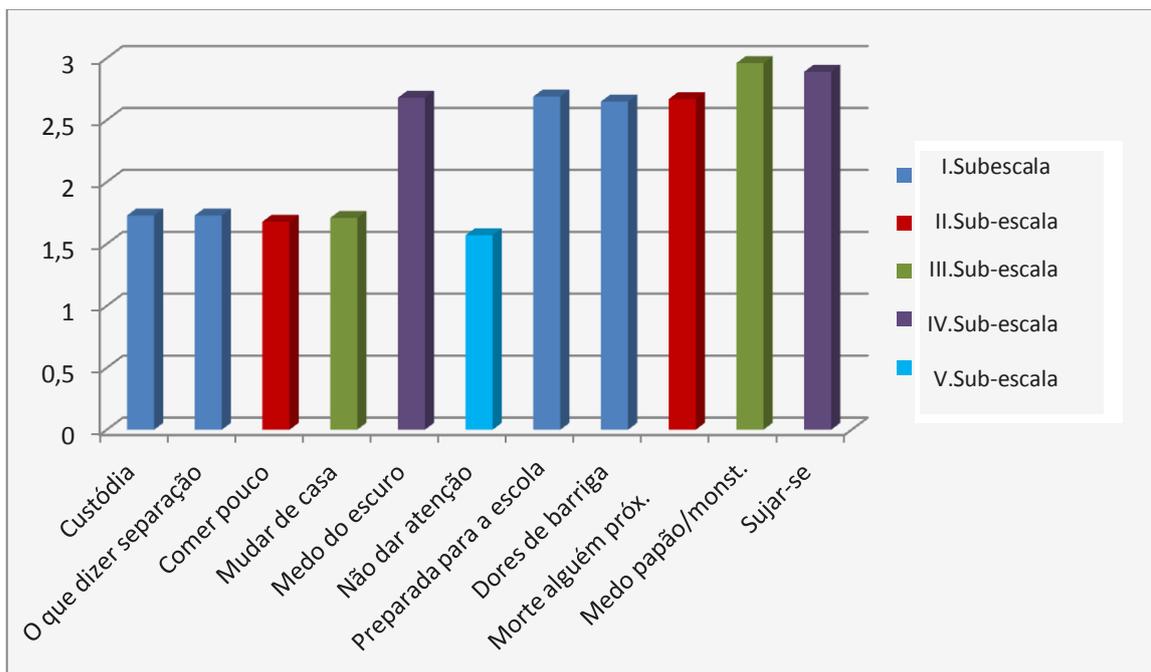
muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

As preocupações na sub-escala “Comportamentos negativos” são apresentadas no Quadro 9.

É nesta subescala onde se encontram as maiores preocupações dos pais. O item considerado de maior preocupação para os pais é *não dar atenção ao que o pai lhe diz* (média = 1,57), não só no que se refere a esta sub-escala mas também no que se refere ao total da escala. Seguem-se a *preocupação com o que o filho não obedecer ao pai* (média = 1,69). Estas duas preocupações situam-se entre o bastante e o muitíssimo preocupante, o resto das preocupações desta subescala situam-se entre o bastante e o razoavelmente preocupante.

O gráfico 2 permite-nos visualizar os itens mais e menos preocupantes em cada subescala

Gráfico 2: Itens mais e menos preocupantes em cada subescala.



muitíssimo (1); bastante (2); razoavelmente (3); pouco (4); nada (5); ou não se aplica (6).

Conforme se pode ver (Gráfico 2) os itens que representam maiores preocupações para os pais (médias mais baixas) são: Comer pouco, Não dar atenção, Custódia e O que dizer separação.

Finalmente, apresentamos uma comparação dos resultados obtidos com a amostra angolana e os obtidos numa amostra portuguesa.

Quadro 9 - Médias Totais de cada Sub-Escala neste trabalho e no trabalho de Algarvio e Leal (2004).

Sub-escalas	Médias neste trabalho	Médias trabalho de Algarvio e Leal (2004)
I. Sub-escala Problemas Familiares e Preocupações Escolares	2,08	2,21
II. Sub-escala Desenvolvimento Infantil	2,08	2,70
III. Sub-escala Preparação	2,82	3,11

IV. Sub-escala Medos	2,67	3,19
V. Sub-escala Comportamentos Negativos	2,68	3,15

O quadro 9. mostra-nos em primeiro lugar e em geral que os pais angolanos apresentam maiores preocupações em todas as subescalas do que os pais portugueses (médias inferiores).

Pode-se verificar também que as subescalas de maior preocupação dos pais quer angolanos, quer portugueses são as de problemas familiares e preocupações e desenvolvimento infantil, embora sempre com maior intensidade nos pais angolanos.

As subescalas onde se apresentaram menos preocupações dos pais portugueses correspondem também às da amostra angolana, salvaguardando de novo a maior intensidade de preocupação dos pais angolanos.

CAPÍTULO IV DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Discussão dos resultados

Se analisarmos então as médias totais verifica-se que as maiores preocupações dos pais angolanos estão nas subescalas de Problemas Familiares/preocupações escolares, e Desenvolvimento Infantil. Os resultados descritos vão no mesmo sentido dos resultados obtidos no estudo de Algarvio de Castro (2000; Algarvio & Leal, 2002; Algarvio & Leal, 2004), no que diz respeito à subescala considerada mais preocupante pelos pais. Assim, poderemos concluir que os pais angolanos estão igualmente preocupados com questões de parentalidade e da infância em geral, e com questões de desenvolvimento dos seus filhos.

Entretanto se compararmos as médias obtidas no trabalho “Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida” de Algarvio e Leal (2004) podemos apreciar que as médias das preocupações dos pais angolanos em todas as subescalas são menores que a dos pais portugueses, o que indica maiores níveis de preocupação dos pais angolanos em todas as subescalas.

A subescala onde se apresentaram menos preocupações dos pais nas investigações do Algarvio e Leal (2004) e Serra e Pereira Leal (2005) foi na de medos considerando estas investigadoras que isto confirma a dificuldade dá maioria dois pais em preocupar-se com os medos dos filhos, não se conseguindo afastar dos seus próprios medos ou das suas próprias preocupações. Nesta investigação a subescala onde se apresentaram menos preocupações parentais foi na de preparação, e dentro desta na preparação para entender o que é a morte e entender a morte de alguém próximo. Consideramos que isto responde a características culturais da população angolana com altos níveis de mortalidade infantil, uma esperança de vida curta e onde a morte se aceita desde idades cedas como algo que pode ocorrer em nosso entorno mais próximo.

Tanto na investigação de Algarvio e Leal (2004) como a de Serra e Pereira Leal (2005) a criança ter medos preocupa razoavelmente os pais, com uma média de 2,82 e 2,95 respectivamente, valores de preocupação que diminuem significativamente quando os medos são discriminados. Na nossa investigação a média de medos é de 2,67 e as preocupações a respeito dos medos oscilam entre Bastante e Razoavelmente.

No entanto, ao analisarmos os itens considerados mais preocupantes pelos pais, na totalidade da escala, verificamos que correspondem a uma maior preocupação *não dar atenção ao que o pai lhe diz*. Dentro desta subescala a outra preocupação que afecta os pais é a de que *o filho não o obedeça*, comportamentos que poderão atestar a qualidade do exercício parental. Entretanto chama a atenção que dentro dessa subescala o resto dos itens obtêm pontuações significativamente superiores para uma menor preocupação.

O item que os pais consideraram como menos preocupante em toda a Escala refere-se à *A criança sujar-se muito* (Sub-Escala de Comportamentos Negativos), com média de 2,89. Coincidimos nisto com o trabalho de Serra e Pereira Leal (2005) acerca das preocupações parentais dos pais de crianças nascidas por fertilização *in vitro*, embora na investigação destas autoras a média para esta preocupação é de 4,41 e lhes preocupa entre pouco ou nada e em nossa investigação é de 2,89 preocupando entre razoavelmente e pouco.

igualda mesma forma que Serra e Pereira Leal (2005) pensamos que isto poderá ser benéfico, visto que face às necessidades de exploração e face às actividades que as crianças das idades estudadas praticam, é normal que elas se sujeem.

Consideramos, da mesma forma que Algarvio e Leal (2004) que o facto de uma percentagem significativa de pais não ter respondido de acordo com aquilo que se passa na realidade com a criança permite-nos confirmar a ideia de Bléandonu (2003) de que a função parental dependerá do equilíbrio evolutivo entre o investimento narcísico e o investimento objectal. Neste caso parece haver um predomínio do investimento narcísico que se apresenta preponderante relativamente ao investimento objectal.

2. Discussão das limitações do estudo.

Nesta pesquisa surgem algumas limitações que devem ser mencionadas e que aconselham prudência na análise e generalização dos resultados. Desta forma, uma das primeiras limitações diz respeito à restrita distribuição geográfica da amostra e à não consideração do estatuto socioeconómico dos pais e meio de residência (urbano/rural) pelo que não se podem generalizar os resultados para toda a população angolana, nem se pode avaliar a influência do contexto socioeconómico nos resultados obtidos.

A caracterização da amostra só se baseou na idade e género das crianças, sendo que seria de interesse explorar aspectos como a idade da mãe, a idade do pai, o nível socioeconómico dos pais e ainda comparar as preocupações de pais e mães entre si e também tendo em conta a idade dos filhos (provavelmente as preocupações ir-se-ão alterando ao longo do desenvolvimento)..

3. Conclusões e Considerações Finais

A realidade social em Angola resulta complexa e marcada por diferenças sociais extremas. Enquanto uma parte da população desfruta dos benefícios dos recursos naturais como o petróleo e diamantes outra parte vive na pobreza e apresenta altas taxas de mortalidade infantil; degradação dos valores éticos e morais; índices elevados de analfabetismo e pobreza; escolas em números insuficientes para absorver as crianças que se encontram em idade escolar; a baixa qualidade de ensino em alguns casos associados a falta de condições materiais e didácticas, bem como da fraca participação dos pais no acompanhamento regular do desempenho escolar dos filhos; a violência nos lares e outros, que de algum modo podem dificultar o funcionamento normal de muitas famílias e influenciar negativamente no desenvolvimento físico e psicológico dos filhos.

As relações pai filho passaram por distintas etapas em seu desenvolvimento histórico entretanto a emergência do conhecimento técnico-científico sobre o desenvolvimento infantil e sobre a relação pais-filhos tem seu primeiro momento marcado a partir da década de 50 e, mais especialmente, no fim da década de 60 do século passado. Em meio a um contexto com profundas transformações, as pesquisas sobre este tema surgem com bastante força, iniciando-se uma importante linha de pesquisa. O anterior nos levou a necessidade de estudar as preocupações parentais na população angolana.

Tendo como objectivo principal explorar a prevalência de preocupações parentais de pais face aos filhos Angolanos dos 0 aos 12 anos de idade, a recolha de dados baseou-se numa amostra intencional de 450 pais, sendo esta amostra distribuída por género e idade dos filhos. Foi utilizada a Escala de Preocupações Parentais de Algarvio e Leal (2000; Algarvio & Leal, 2002; Algarvio & Leal, 2004).

Conclui-se que as maiores preocupações de pais angolanos desta amostra, estão nas subescalas de Problemas Familiares e Preocupações Escolares, e Desenvolvimento Infantil.

Assim, poderemos concluir que os pais das crianças estudadas estão tão preocupados com questões de parentalidade e da infância em geral, como com questões do desenvolvimento dos seus filhos em particular.

Nesta investigação a subescala onde se apresentaram menos preocupações parentais foi na de preparação, e dentro desta na preparação para entender o que é a morte e a entender a morte de alguém próximo. Consideramos que isto responde a características culturais da população angolana.

Analizamos os itens considerados mais preocupantes pelos pais, na totalidade da escala e verificamos que correspondem a uma maior preocupação *não dar atenção ao que o pai lhe diz*. Dentro desta subescala a outra preocupação que afecta os pais é a de que *o filho não o obedeça*, comportamentos que poderão atestar a necessidade de impor autoridade por parte dos pais.

O item que os pais consideraram como menos preocupante em toda a Escala refere-se à *“A criança sujar-se muito”*. Pensamos que isto poderá ser benéfico, visto que face às necessidades de exploração e face às actividades que as crianças das idades estudadas praticam, é normal que elas se sujeem. Também a realidade angolana leva a que, provavelmente, esta não seja uma grande preocupação.

Consideramos que o objectivo proposto de avaliar as preocupações parentais dos pais face aos seus filhos dos zero (0) aos doze (12) anos numa amostra da província de Benguela a partir da escala sobre preocupação dos pais, estimando a intensidade das mesmas, foi cumprida mas levanta a necessidade de realização de investigações mais extensas sobre o tema onde se explorem outros aspectos relacionados com este e atrás referidos.

BIBLIOGRAFIA

- Algarvio de Castro, S. (2000). *Preocupações Parentais: Proposta de uma Escala de Avaliação*. Dissertação de Mestrado, em Psicologia da Saúde. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Algarvio, S. & Leal, I. (2004) Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (1), 145-158
- Algarvio, S., & Leal, I. (2002). *Parental concerns: Construction of an instrument of evaluation*. In I. Leal, T. Botelho, & J. Pais-Ribeiro (Eds.), Proceedings of the 16th Conference of the European Health Psychology Society – Health through the life cycle: A life span perspective (pp. 165-172). Lisboa: ISPA.
- Algarvio, S., & Leal, I. (2002). *Parental concerns: Construction of an instrument of evaluation*. In I. Leal, T. Botelho, & J. Pais-Ribeiro (Eds.), Proceedings of the 16th Conference of the European Helth Psychology – Society Health through the life cycle: A life span perspective (pp. 165-172). Lisboa: ISPA.
- Anzieu, D., & Kaes, R. (1997). Prologue. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, Les Parents. Paris: Bayard éditions.
- Ariès, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Badinter, E. *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. & Caldana, R.H.L. Práticas educativas: a participação da criança na determinação de seu dia-a-dia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8 (2), pp. 231-242, 1992.
- Biasoli-Alves, Z.M.M.; Caldana, R.H.L. & Silva, M.H.G.F.D. Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7 (1), pp.49-62, 1997.

- Bléandonu, G. (2003). Apoio terapêutico aos pais. *Psicológica* 16. Lisboa: Climepsi editores.
- Guillaume, J.C. (1997). Les parents, l'enfant et le psychanalyse. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, Les Parents. Paris: Bayard éditions.
- Houzel, D. (1997). Les dimensions de la parentalité. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, Les Parents. 165-189. Paris: Bayard éditions.
- Lipp, M.E.N.; Arantes, J.P.; Buriti, M.S. & Witzig, T.O estresse em escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6 (1), pp. 51-56, 2002.
- Marturano, E.M. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 15 (2), pp. 135-142, 1999.
- Matos, I., Leal, I., & Ribeiro, J. (2000). Validação preliminar de uma técnica de avaliação de feminino/materno. *Psicologia Saúde e Doenças*, 1(1), 69-78.
- Moura, S.M.S.R. & Araújo, M.F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (1), pp. 44-55, 2004.
- Neto, F. *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000
- Polonia, A.C. & Dessen, M.A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (2), pp. 303-312, 2005.
- Reppold, C.T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C.S. *Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais*. In: Hutz, C.S. (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 9-51, 2002.
- Roig, A. M. & Ochotorena, J. P. *Maltrato y Abandono en la Infancia*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1993.

Serra, AM. & Algarvio, S. (2006). Preocupações parentais dos pais de crianças nascidas por fertilização in vitro. *Análise Psicológica*, 2 (XXIV): 149-154

Serra, AM. & Pereira Leal I. (2005). Preocupações parentais dos pais de crianças nascidas por fertilização in vitro. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII): 283-288

ANEXOS

Anexo 1 Escala de Preocupações Parentais

As questões que se seguem pedem-lhe a sua opinião acerca do que a/o preocupa actualmente em relação ao seu filho/a.

Responda, por favor, a cada uma das questões marcando com uma cruz (x) na opção que considera mais adequada à sua situação. Se não tiver a certeza de como responder a qualquer uma das questões, responda o melhor que puder e faça um comentário no espaço livre na margem direita da página. Se achar que a questão não lhe diz respeito devido à idade da criança ou por qualquer outra razão, ponha uma cruz na opção “não se aplica”.

IDADE DA CRIANÇA _____ ANOS _____ MESES

SEXO DA CRIANÇA ___ F ___ M

	Muitissimo	Bastante	Razoavelmente	Pouco	Nada	Não se aplica
1. Preocupa-me o meu filho não dar atenção ao que lhe digo	1	2	3	4	5	6
2. Preocupa-me o meu filho ter pesadelo	1	2	3	4	5	6
3. Preocupa-me o meu filho controlar dificilmente os seus comportamentos	1	2	3	4	5	6
4. Preocupa-me em caso de separação dos pais quem deve ficar com a custodia da criança	1	2	3	4	5	6
5. Preocupa-me o meu filho não me obedecer	1	2	3	4	5	6
6. Preocupa-me o que o meu filho deve comer	1	2	3	4	5	6
7. Preocupa-me o meu filho comer pouco	1	2	3	4	5	6
8. Preocupa-me os pais não estarem de acordo quanto as regras e disciplina	1	2	3	4	5	6
9. Preocupa-me o meu filho ter medo de animais	1	2	3	4	5	6
10. Preocupa-me se o meu filho tem o que precisa na escola	1	2	3	4	5	6
11. Preocupa-me saber como preparar o meu filho para mudar de casa	1	2	3	4	5	6
12. Preocupa-me o meu filho entender o que é a morte	1	2	3	4	5	6
13. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de cabeça	1	2	3	4	5	6

14. Preocupa-me o meu filho ter o sono agitado	1	2	3	4	5	6
15. Preocupa-me o meu filho sujar-se muito	1	2	3	4	5	6
16. Preocupa-me o meu filho fazer birras	1	2	3	4	5	6
17. Preocupa-me a educadora/professora entender o meu filho	1	2	3	4	5	6
18. Preocupa-me os pais discutirem muito	1	2	3	4	5	6
19. Preocupa-me o meu filho não gostar de partilhar	1	2	3	4	5	6
20. Preocupa-me o meu filho ter medo do escuro	1	2	3	4	5	6
21. Preocupa-me o meu filho não querer ir para a cama	1	2	3	4	5	6
22. Preocupa-me o meu filho ser mandão e exigente	1	2	3	4	5	6
23. Preocupa-me o meu filho não assumir responsabilidades	1	2	3	4	5	6
24. Preocupa-me o meu filho chorar e/ou gritar muito	1	2	3	4	5	6
25. Preocupa-me o meu filho ser sujeito a maus-tratos	1	2	3	4	5	6
26. Preocupa-me o meu filho mentir	1	2	3	4	5	6
27. Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	1	2	3	4	5	6
28. Preocupa-me o meu filho ter medos	1	2	3	4	5	6
29. Preocupa-me o meu filho queixar-se muito	1	2	3	4	5	6
30. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de barriga	1	2	3	4	5	6
31. Preocupa-me o meu filho entender a morte de alguém próximo	1	2	3	4	5	6
32. Preocupa-me se o meu filho está preparado para ir a escola	1	2	3	4	5	6
33. Preocupa-me o meu filho ter dificuldades em adormecer	1	2	3	4	5	6
34. Preocupa-me o meu filho ser muito dependente	1	2	3	4	5	6
35. Preocupa-me o meu filho não comer certos alimentos	1	2	3	4	5	6
36. Preocupa-me o meu filho ter medo do papão ou de monstros	1	2	3	4	5	6
37. Preocupa-me o meu filho ser muito activo	1	2	3	4	5	6

Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: Preocupações parentais face aos seus filhos em pais de crianças entre os 0-12 anos da Província de Benguela/Angola..

CESPU - Formação Angola

Pesquisadores responsáveis

Lic. Bernarda Maria Lourenço Gonçalves Caculo

Doutor José Carlos Caldas

Convidamos você para participar de uma pesquisa que tem como objectivo principal avaliar a preocupação parental dos pais face aos seus filhos dos zero (0) aos doze (12) anos na província de Benguela. A pesquisa será realizada pela Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte, CESPU - Formação Angola.

Nesta pesquisa, serão aplicada a Escala de Preocupações Parentais de Algarvio e Leal, esta escala é constituída por 5 subescalas e cada uma integra questões específicas.

Os responsáveis pela pesquisa se comprometem a manter sigilo sobre a identidade das pessoas envolvidas e sobre as informações que possam identificá-las, assim como a cumprir os demais requisitos éticos.

Esclarecemos que a participação na pesquisa é voluntária, e você pode retirar-se quando quisesse ou precisasse. É necessário, também, o preenchimento e a assinatura do Termo de Consentimento. Sua participação é importante pois, em função dos resultados nesta pesquisa nos permitirá a realização desta investigação que no tens antecedentes em Angola.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando o pesquisador a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo sua identidade preservada em quaisquer a destas situações.

Eu, _____,
fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objectivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e de ter as minhas dúvidas esclarecidas. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do (a) Entrevistado (a)

Benguela, ____ de _____ de _____.

Se quiser quaisquer esclarecimento sobre a pesquisa, pode contactar a Lic.
Bernarda Maria Lourenço Gonçalves Caculo pelo telefone 926579325